

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM INGLÊS: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO

Rui Manuel Cruse*
Cláudia Silva Estima**
Alahna Santos da Rosa***

Resumo: O principal objetivo desta pesquisa foi identificar, analisar e refletir criticamente sobre as expressões idiomáticas em inglês, utilizando uma metodologia de base essencialmente teórica, isto é, uma revisão de literatura. Pretendemos, assim, estimular nos alunos e nos professores variadas ações que conduzam ao desenvolvimento da pesquisa e da inovação, contribuindo, dessa forma, para a formação e qualificação de recursos humanos que venham a atuar nesta importante área específica de atuação - a pesquisa. Entendemos que este estudo teórico possa despertar o desejo do aprofundamento de questões ligadas ao aprendizado e emprego da língua inglesa dentro dos contextos que ocorrem, especialmente, nos Institutos Federais e em seus cursos onde o idioma é lecionado. Com isso, estaremos promovendo e favorecendo, concomitantemente, o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; pesquisa; inovação.

1 Introdução

Há algumas décadas, a globalização vem provocando uma maior proximidade, um maior contato entre as sociedades e os indivíduos e, conseqüentemente, uma grande necessidade de entendimento entre essas sociedades. Esse entendimento ou “inteligibilidade” entre os povos só se concretizou por meio do uso de um mecanismo de comunicação por excelência, um tipo de língua franca ou uma língua global, cujo papel vem sendo desempenhado, há relativamente bastante tempo, pela língua inglesa. O conhecimento desta língua é, sem dúvida, um dos requisitos *sine qua non* para uma carreira profissional promissora e inovadora que deverá fazer parte das qualidades e habilidades daqueles profissionais que pretendem atuar nos mais variados campos da atividade humana. Ter competência em língua inglesa significa, entre outros aspectos, a competência

* Doutor em Linguística Aplicada ao Ensino do Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e professor/pesquisador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Câmpus Porto Alegre, RS. E-mail: rui.cruse@poa.ifrs.edu.br

** Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Câmpus Porto Alegre, RS. E-mail: claudia.estima@poa.ifrs.edu.br

*** Estudante do curso Biblioteconomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Câmpus Porto Alegre, RS. E-mail: alahna@gmail.com



psicossociocultural que pressupõe o conhecimento da língua colocada em ação no contexto social. Isto implica, entre outros, a familiarização com as expressões idiomáticas do inglês.

A presente pesquisa tem como objetivos principais, por um lado, o estudo da língua inglesa como um elo de comunicação por excelência entre as sociedades, com um olhar particular para as expressões idiomáticas em inglês. Por outro, pretendemos conscientizar alunos e professores sobre a importância das expressões idiomáticas como parte fundamental da competência em língua inglesa. Dessa forma, estamos, concomitantemente, estimulando nos alunos o gosto e o interesse pela pesquisa científica para que surjam, cada vez mais, novos projetos e ações pertinentes que possam incrementar as linhas de pesquisa oferecidas pelo IFRS como um todo e, muito em particular, pelo campus de Porto Alegre.

Este trabalho se justifica na medida em que a disciplina de inglês está presente na grande maioria dos cursos – tanto nos técnicos quanto nos superiores - ofertados pelo IFRS, o que propicia aos seus alunos uma formação adequada para o exercício profissional, permitindo o desenvolvimento das habilidades e competências múltiplas para o bom desempenho integral no que tange às quatro habilidades linguísticas necessárias ao aprendizado de uma língua.

A abordagem no ensino de inglês é ampla e leva em consideração a complexidade do processo ensino/aprendizagem perpassando, assim, outras áreas do saber humano e os eixos transversais com que se articula de forma interdisciplinar e multiprofissional. Acredita-se que os resultados obtidos com a presente pesquisa estão sendo socializados, contribuindo, assim, de forma contundente para o aprimoramento do ensino da língua inglesa dentro da comunidade Porto-Alegrense como um todo.

Por último, convém ressaltar que existe pouca bibliografia que estude, especificamente, as expressões idiomáticas do inglês, tendo como ponto de partida dados fornecidos por alunos falantes nativos do português brasileiro. Portanto, entende-se que este trabalho é original e inovador e terá muito a contribuir para um melhor entendimento de como funcionam essas expressões idiomáticas dentro de uma visão mais ampla no processo de ensino/aprendizagem do inglês como um todo.

2 Metodologia

Trata-se de um trabalho de caráter seccional e exploratório de iniciação à pesquisa científica que contou com a participação sistemática de dois professores de inglês e de uma bolsista que frequenta o curso de biblioteconomia do IFRS, campus Porto Alegre. Esta bolsista não tinha muita experiência em pesquisa e, por essa razão, o presente trabalho teve



um caráter introdutório sem, contudo, termos deixado de lado a sistematização, o rigor científico e a objetividade dos métodos. Por isso, os instrumentos da pesquisa foram de fácil manejo e constituíram-se, basicamente, de um grande número de diferentes tipos de textos em língua inglesa, escolhidos aleatoriamente de forma casual e simples, constituindo-se numa amostra não-probabilística – livros, artigos, revistas, teses e outros – e voltados para diversas áreas do saber humano. A ideia central foi tentarmos detectar, extrair, caracterizar e analisar os diferentes tipos de expressões idiomáticas, utilizando técnicas adequadas para essa finalidade. Para conseguirmos esses textos, visitamos bibliotecas de várias instituições de ensino, nomeadamente, a UFRGS, a PUC e outras do tipo. Eventualmente, estabelecemos, também, contatos com outros pesquisadores que nos ajudaram a melhorar o nosso trabalho e, assim, foi possível estabelecermos parcerias com duas instituições.

Uma vez detectadas para exemplificação, essas expressões idiomáticas foram, primeiramente, selecionadas por grau de dificuldade, isto é, muito complexa, média complexidade e pouco complexa. Esta categorização foi feita de acordo com três princípios básicos:

- a) a dificuldade conceitual dos palavras/conceitos lexicais e/ou expressões envolvidos na formação da expressão idiomática em si;
- b) a morfossintaxe dessas estruturas, ou seja, a complexidade da ordem das palavras que constituem cada uma das expressões idiomáticas;
- c) o distanciamento semântico das palavras envolvidas em ambas as línguas – português e inglês.

Uma vez selecionadas, com base nos quesitos acima, cada expressão idiomática foi classificada e incluída dentro de um dos três níveis de dificuldade para análise e exemplificação ao longo do presente trabalho.

3 Definição de expressões idiomáticas

Como ocorre na maioria dos idiomas, o inglês é recheado de gírias, jargões e expressões idiomáticas, sendo estas últimas, como já foi mencionado anteriormente, o objetivo principal do presente trabalho.

Idiomático vem do grego ‘idiomatikós’ e quer dizer ‘próprio de um idioma’ daí: expressão idiomática. Para vários autores (GRADDOL, 1997; GROSJEAN, 2002; RICHARDS, 2004 e outros), as expressões idiomáticas propiciam à língua inglesa um charme todo especial e uma coloração vibrante. Essas expressões permitem aos aprendizes do inglês



como língua estrangeira (LE) entender melhor a cultura inglesa, penetrar nos seus hábitos e costumes e no estilo de vida da sua gente, além de entender melhor a história do povo inglês.

As expressões idiomáticas derivam da cultura de uma nação e da vida do dia a dia. São utilizadas tanto na modalidade falada quanto na escrita.

Na opinião de alguns autores, entre os quais, Crystal (1997) e Burke (2009), as expressões idiomáticas são pequenas estruturas frasais difíceis de serem entendidas, já que os seus significados, como um todo, são diferentes dos significados individuais de cada uma das palavras que constituem essas expressões. Se considerarmos uma palavra individualmente, pode não fazer sentido em termos gramaticais, isto é, a expressão idiomática só tem significado enquanto uma ‘unidade única’. Assim, qualquer substituição ou alteração na sua estrutura pode resultar em uma perda completa do seu significado original. Segundo Stones (2010, p. 76), “as expressões idiomáticas têm expressividade e significado numa determinada língua e não podem ser traduzidas palavra por palavra para outra língua”. Por exemplo, para traduzir a expressão idiomática inglesa “*turn up*” não basta o indivíduo conhecer o significado individual de “*turn*” (girar) e “*up*” (subida). Isto porque a tradução correta dessa expressão para o português seria simplesmente ‘chegar’ e não ‘girar subida’, como poderia parecer à primeira vista para o aluno tradutor menos prevenido. Dentro desta mesma ordem de ideias, o adágio popular em inglês “*where there’s a will there’s a way*” significa tão somente ‘querer é poder’, embora a pessoa pouco familiarizada e com limites em relação à língua inglesa pudesse não hesitar em traduzir tal expressão palavra por palavra, obtendo-se, como resultado, uma expressão que faria pouco ou nenhum sentido em português do tipo ‘onde há uma vontade, há um caminho’.

3.1 Origem das expressões idiomáticas

Algumas expressões idiomáticas do ‘inglês global’ foram vistas, pela primeira vez, nos trabalhos dos escritores Shakespeare, Sir Walter Scott e de tantos outros ou em trabalhos de romancistas contemporâneos. Referências bíblicas são também uma grande fonte de expressões idiomáticas. Expressões legais, esportivas, técnicas, gírias militares e até mesmo expressões náuticas contribuíram e continuam contribuindo para a formação de expressões idiomáticas da língua inglesa do dia a dia.

4 Reflexões sobre algumas questões relacionadas com a representação do significado das expressões idiomáticas

Nos primeiros estágios e até mesmo em etapas posteriores da aprendizagem do inglês como LE, normalmente, o ensino do vocabulário pressupõe que cada palavra deva ser tratada como se tivesse apenas um único significado, isto é, a denotação que se define por oposição à conotação. Esta abordagem muito comum no ensino de línguas estrangeiras não está correta, uma vez que quase todas as palavras são polissêmicas, ou seja, têm mais de um significado, dependendo principalmente do contexto onde estão inseridas.

Em primeiro lugar e para que possamos entender a representação do significado das expressões idiomáticas, há que se abordar a questão da dicotomia *denotação vs conotação*. Em segundo, outro problema que está diretamente relacionado com o primeiro diz respeito aos *'phrasal verbs'*, ou seja, é o caso de alguns verbos que são acompanhados imediatamente de preposições ou determinadas partículas alterando, por completo, o significado do verbo original. O terceiro aspecto diz respeito ao fato de que algumas palavras que jamais foram associadas a elas anteriormente podem ser utilizadas para transmitirem novos significados, isto é, a *criatividade lexical*. Estes três aspectos podem suscitar importantes questões no estudo das expressões idiomáticas de uma forma geral. Passaremos a analisar, com um pouco mais de profundidade, cada um desses três fatores.

4.1 Denotação vs conotação

Na terminologia de Stuart Mill, retomada pela linguística moderna, a denotação é o elemento estável, não subjetivo e analisável fora do discurso, independentemente do contexto e que se define por oposição à conotação. Diz-se, muitas vezes, que o significado denotativo é aquele que é expresso pelos dicionários, ou seja, o significado literal da palavra. Por sua vez, a conotação é constituída por seus elementos subjetivos ou variáveis determinadas pelos contextos. Por exemplo, *'ouro'* definível de forma estável como um metal precioso, comporta, também, em determinados contextos, a conotação de *'bondade'* (ele tem um coração de ouro), *'riqueza'*, *'opulência'* (a família Silva nada em ouro), *'ouro negro'* (o petróleo considerado como riqueza econômica) e assim por diante. Por outras palavras, as unidades significativas só podem ser definidas pelas relações que se estabelecem em contextos mais amplos. Não se pode falar, por exemplo, da conotação da unidade lexical *fiio* fora do contexto, isto é, a conotação só pode nascer da sua rede de relações em enunciados como “a vida dele está por um fio, vou bater um fio com a minha namorada, ele leva tudo a fio de espada, Maria considerou o processo de fio a pavio” PENNYCOOK (2006, p. 92) vai mais adiante ao

afirmar que a conotação é algo que pode estar inicialmente escondido. Para o autor, “o significado conotativo de uma palavra é baseado na implicação ou na associação emocional compartilhada com essa palavra”.

4.2 Verbos acompanhados de preposições ou partículas (*phrasal verbs*)

Estas construções verbais conhecidas de uma forma genérica como ‘phrasal verbs’ são constituídas, grosso modo, de um verbo seguido de uma preposição ou advérbio. O significado de algumas destas estruturas, típicas da língua inglesa, pode ser entendido com relativa facilidade, embora a esmagadora maioria delas se constitua em verdadeiras expressões idiomáticas e se traduzam em barreiras e obstáculos para o aprendiz da língua inglesa. Considere-se, como exemplo, o verbo **look** que, como todos sabemos, o significado denotativo é *olhar*. Contudo, esse significado muda por completo, dependendo da preposição que venha após o verbo (ver exemplos no Quadro 1 abaixo):

Quadro 1 – O verbo “look” e suas nuances

- **look**, it is difficult now – *olha*, agora é difícil.
- what are you **looking for**? – o que você está *procurando*?
- she is **looking after** the baby – ela está *cuidando* do bebê.
- I **look forward** to see you soon – *espero* vê-lo em breve.
- it **looks like** as if it is going to rain – *parece* que vai chover.
- they **look alike** each other - eles se *assemelham* um com o outro.

Fonte: Autoria própria

Muitas destas expressões constituídas por duas palavras (verbo + partícula) são extremamente comuns no discurso informal. Observem-se os exemplos a seguir:

Quadro 2 – Palavras constituídas por verbo e partícula(s)

- What time are you planning to **turn up**? *chegar* (informal)
- Let us know when you plan to **arrive**. *chegar* (mais formal)

- I Just **keep on** till you get to Mauá Ave. *continue* (informal)
- **Continue** as far as Borges de Medeiros Ave... *continue* (muito formal)

Fonte: Autoria própria

É importante notar que alguns verbos em inglês podem ser seguidos de mais de duas partículas (preposição ou advérbio e preposição, por exemplo):

Quadro 3 – Verbos com mais de duas partículas

<p>- I get on with her quite well..... <i>relaciono-me</i> muito bem com ela.</p> <p>- If you're on the road on Saturday night, look out for drunk drivers..... se você dirigir aos sábados à noite, <i>tenha cuidado com</i> motoristas bêbados.</p>

Fonte: Autoria própria

4.3 Criatividade lexical

A teoria sobre a criatividade lexical proposta por Krashen (1982), preconiza que os aprendizes de LE elaboram as regras da língua-alvo, utilizando os processos mentais naturais como, por exemplo, a generalização que leva à criação de novas formas e estruturas que não são encontradas ou não fazem parte da língua-alvo. Neste sentido, a generalização significa inferir ou derivar uma lei, regra ou conclusão a partir normalmente da observação de instâncias específicas. O autor parte do princípio de que a criatividade lexical resulta da hipótese de que com o 'velho', o aprendido, constrói-se o 'novo', o criativo:

A produtividade ou caráter ilimitado é uma propriedade fundamental da criatividade linguística. Ela abrange todas as áreas gramaticais, e está na base da possibilidade, partilhada por todas as línguas, de nomear objetos e conceitos novos ou de descrever situações reais ou imaginárias, nunca antes vividas ou imaginadas. Os mecanismos de renovação lexical impedem que o universo léxico do código seja estático. Na verdade, o código linguístico e o universo linguístico que dele faz parte, só podem existir e funcionar numa permanente tensão dialética conservação / mudança (ANDRADE, 2010, p. 141).

O conceito criatividade é muitas vezes utilizado na literatura da psicolinguística para descrever o processo da aquisição da linguagem como um todo. Dizer que os seres humanos são criativos em relação à aprendizagem do léxico significa que eles não se limitam a imitar o que ouvem. Na verdade, os aprendizes utilizam com bastante frequência estruturas lexicais que jamais ouviram anteriormente. Dentro desta mesma ordem de ideias, vários autores (LAMBERT, 1972; RICHARDS, 2004; BURKE, 2008 e outros), admitem que os aprendizes são criativos por natureza no que tange à criação da linguagem e, muito em particular, à aquisição do léxico, uma vez que conseguem produzir e entender estruturas que jamais foram ouvidas anteriormente por eles.

Na verdade, tanto os falantes nativos, e especialmente os aprendizes de uma LE, não deixam a língua em paz. Sempre que podem, inventam novas funções para palavras já existentes ou, simplesmente, inventam novas palavras que jamais fizeram parte de uma língua específica. Algumas destas criações ou inovações dentro da língua inglesa parecem tão naturais que passam despercebidas:

Quadro 4 – Palavras inventadas em língua inglesa.

- This mountain is **jeppable** (esta montanha pode ser **escalada por jeep**),
- The rocket faltered at **lift-off** (o foguete oscilou na **partida**),
- This music is very **Beethovany** (esta música é muito **beetoviana**).

Fonte: Stones (2010, p. 68).

A questão que aqui se coloca é saber de onde provêm os conceitos de *jeppable*, *lift-off* e *Beethovany* que não fazem parte do léxico da língua inglesa?

O léxico mental dos aprendizes não incorpora estas estruturas prontas para serem usadas dessa forma. Elas são criadas ‘aqui e agora’ para satisfazer uma necessidade imediata de comunicação como parte normal da aquisição da fala e da acuidade auditiva na LE. Com base nessas asserções, é possível dizer que a aquisição do léxico é a interação entre as estruturas mentais inatas do aprendiz e o contexto linguístico, isto é, o processo de ‘construção criativa’.

Portanto, poder-se-ia afirmar, com certa tranquilidade, que o processo de construção da criatividade lexical refere-se ao processo subconsciente por meio do qual os aprendizes de uma LE organizam gradativamente a linguagem que ouvem à sua volta, levando, também, em conta o contexto que os rodeia.

Tudo o que se disse é importante para um melhor entendimento de como funcionam as expressões idiomáticas numa língua estrangeira.

5 O uso das expressões idiomáticas

As expressões que são utilizadas em situações típicas do dia a dia – contexto formal e informal, na fala e na escrita - são frequentemente idiomáticas. Com frequência, apresentam-se como um aspecto dificultador do aprendizado de um aluno da língua inglesa, conforme descrito:



A Língua Inglesa possui algumas armadilhas para quem não a fala como língua materna, dentre elas estão as **Expressões Idiomáticas (Idioms)**, que são figuras de linguagem onde um termo ou a frase assume um significado diferente do que as palavras teriam isoladamente. Assim, não basta saber o significado das palavras que formam a frase, é preciso olhar para todo o grupo de palavras que constitui a expressão para entender o seu significado (GRUPO VIRTUOUS, 2014, p. 1).

Daí a importância em se preparar os aprendizes de inglês como LE para lidar com esta matéria específica de forma adequada. Para tanto, alguns aspectos precisam ser levados em consideração, que serão tratados a seguir.

5.1 Combinações ou ordem convencional das palavras

A adequação vocabular e a ordem que as palavras assumem dentro de estruturas linguísticas mais extensas (sentença, oração, frase) são de importância crucial na produção da linguagem, uma vez que estas estruturas funcionam como verdadeiras expressões idiomáticas.

Algumas combinações são possíveis em uma determinada língua, mas não em outra. Em inglês, por exemplo, podemos falar em *a burning desire* (desejo ardente), mas não podemos dizer *a blazing desire* (desejo incandescente). Dentro desta mesma ordem de ideias, é possível dizer em inglês *a heavy smoker* (fumante inveterado) ou *a devoted friend*, (amigo fiel), mas nunca *a devoted smoker* ou *a heavy friend*. Da mesma forma, é possível dizer em português *tiro fulminante*, mas, geralmente, não se diz *resposta fulminante* (resposta adequada, precisa, etc.).

A adequação vocabular é um dos aspectos mais difíceis no transcorrer do processo de aprendizagem do inglês como LE (ou de qualquer outra língua estrangeira). O aprendiz procura no dicionário o significado de uma determinada palavra e o dicionário propicia-lhe uma série de opções como sinônimos da palavra pretendida. É precisamente aqui que surge o problema. Embora as diversas palavras fornecidas pelo dicionário sejam sinônimas, buscar a palavra adequada para aquele contexto específico é, sem dúvida, uma tarefa muito difícil. A escolha correta vai depender, acima de tudo, da familiaridade do aprendiz com a LE que está sendo aprendida e do contexto em questão. Por outro lado, quando o aprendiz escolhe palavras para expressar as suas ideias, é importante pensar não apenas naquilo que faz sentido e soa melhor para esse aprendiz, mas pensar também naquilo que faz sentido e soa melhor aos ouvidos do seu leitor. Segundo James (2002, pág. 57), “pensar nos leitores e suas expectativas irá ajudar o aprendiz a tomar decisões mais acertadas no que concerne à escolha das palavras adequadas”.

Algumas vezes, não é muito difícil descobrir o significado de certas expressões idiomáticas. Contudo, o grande problema para os aprendizes é produzi-las corretamente. É possível pensar numa série de adjetivos que podem ser utilizados com a palavra *fumante* para expressar que determinada pessoa fuma bastante – por exemplo, *big, strong, hard, fierce, mad, devoted*. Acontece, contudo, que foi convencionado pelos falantes nativos do inglês usar a palavra *heavy* para esse contexto específico. Portanto, para ter um desempenho adequado em inglês, o aprendiz tem de saber este detalhe a fim de expressar-se corretamente. É claro que o aprendiz que usar palavras erradas para essa ideia pode ser entendido, mas ele ou ela vai soar extremamente artificial. Estas combinações convencionais são chamadas de ‘colocações’ e todas as línguas se utilizam deste recurso. Mais alguns exemplos em inglês:

Quadro 5 – O uso adequado de expressões idiomáticas em inglês

- *a crashing bore* (mas não *a crashing nuisance*).
- *a golden opportunity* (mas não *a golden chance*).
- *change one's mind* (mas não *change one's thoughts*).
- *thanks a lot* (mas não *thank you a lot*).
- *slightly annoyed* (mas não *slightly interesting*).

Fonte: Autoria própria

Com a ajuda de um dicionário e de uma gramática, o aprendiz, normalmente, tem condições de inventar diferentes formas de expressar uma determinada ideia. Porém, normalmente, só existe uma ou duas formas que são utilizadas pelos falantes nativos do inglês. Mais uma vez, o aprendiz tem de estar atento para este detalhe a fim de falar e escrever com mais naturalidade na língua inglesa. Alguns exemplos:

Quadro 6 – Adequação vocabular ou lexical

- *Could you check the oil?* (mais natural do que *Could you inspect the oil?* ou *Could you see how much oil there is in the tank?*).
- *Sorry I kept you waiting* (mais natural do que *Sorry I made you wait*).

Fonte: Autoria própria

6 Colocando as expressões idiomáticas em prática

Via de regra, apenas as pessoas que têm um domínio razoável da língua inglesa conseguem utilizar adequadamente as expressões idiomáticas para significarem o que efetivamente se pretende. A aprendizagem das expressões idiomáticas apresenta grandes dificuldades para os aprendizes do inglês. Isto porque a maioria dos indivíduos não conhece a cultura e a história que as subjazem. Não é por nada que, frequentemente, esses aprendizes utilizam expressões idiomáticas incompatíveis com a situação e, por essa razão, os aprendizes as consideram não apenas problemáticas, mas também difíceis de serem entendidas e memorizadas. A maioria dos falantes nativos da língua inglesa nem sempre conhece as origens das expressões idiomáticas, mas, devido ao uso diário da língua em suas comunicações, eles conhecem os seus significados e sabem onde e quando usarem essas expressões de forma adequada. É o seu uso correto que torna a língua mais vívida e interessante.

Os aprendizes de inglês, contudo, não precisam preocupar-se exageradamente pelo fato de não saberem utilizar as expressões idiomáticas mais comumente utilizadas pelos falantes nativos do inglês. Essas expressões mais comuns serão internalizadas, naturalmente, ao longo do próprio processo de aprendizagem do inglês como um todo. Se eles forçarem o uso das expressões idiomáticas na fala ou na escrita, isso, muito provavelmente, redundará na produção de estruturas ‘estranhas’ aos ouvidos dos falantes nativos.

7 Resultados pretendidos

Como já foi mencionado anteriormente, o principal objetivo da pesquisa foi uma reflexão sobre as expressões idiomáticas utilizadas na língua inglesa e, ao mesmo tempo, familiarizar a colaboradora bolsista com as práticas da pesquisa científica. Uma vez identificadas, estabelecemos o perfil e as características principais de cada expressão idiomática para que pudessem inserir-se dentro de uma determinada categoria, baseada no nível de dificuldade no que tange à construção frasal e níveis semânticos.

Entendemos que novas propostas poderão ter como ponto de partidas as questões tratadas no presente estudo e que, futuramente, outras pesquisas poderão trazer ao conhecimento realidades ainda pouco conhecidas em relação aos contextos de aprendizado da língua inglesa dentro dos cursos dos Institutos Federais. Além disso, poderão tornar públicas, também, as realidades de aplicação da língua inglesa dentro dos ambientes profissionais que os Institutos visam atender.

Esta pesquisa poderá servir como ponto de partida para o desenvolvimento de materiais de ensino ou outras publicações acadêmicas que serão socializados, com o objetivo de treinar os aprendizes de inglês a superarem, com eficiência, situações problemáticas de comunicação tanto em nível oral quanto em nível de escrita no que tange ao uso das expressões idiomáticas em inglês. Assim, o aprendiz terá maiores chances de conseguir estabelecer a ligação entre o aprendizado em sala de aula (ambiente formal) e o mundo real nas mais variadas situações de comunicação, isto é, o desenvolvimento da competência comunicativa em inglês (WIDDOWSON, 1983).

Terminada esta pesquisa e outras que virão, posteriormente, a ideia é escrevermos um artigo sobre o assunto que deverá ser publicado em revista especializada. Dependendo de como transcorrer o trabalho, poderemos fazer, também, uma ou duas publicações prévias com base em resultados parciais. Isso implica, logicamente, na necessidade de participarmos de congressos, seminários e eventos do tipo com o intuito de buscarmos subsídios complementares que possam eventualmente enriquecer o nosso trabalho.

Finalmente, esperamos que esta pesquisa venha a motivar outros pesquisadores (professores e alunos) de instituições congêneres que possam, eventualmente, vir a se interessar por esta temática e utilizá-la como gancho ou ponto de partida para o desenvolvimento de outros trabalhos dentro deste mesmo assunto. Isto possibilitará o estabelecimento de parcerias com outras instituições de ensino por meio de trocas de experiências e criação de cursos de extensão com o objetivo de promover o desenvolvimento social e cultural das comunidades em geral e, em particular, as de Porto Alegre e arredores.

SOME REFLEXIONS ABOUT THE IMPORTANCE OF IDIOMATIC EXPRESSIONS IN ENGLISH: AN INTRODUCTORY STUDY

Abstract: The main objective of the present work was to identify, analyze and critically reflect on idioms in English language, using a methodology of theoretical basis, that is, literature revision. By doing so, we intend to stimulate students and teachers with several actions geared towards innovation and research development and so contributing for the formation and qualification of human resources who must feel capable of acting in this very important and specific area – research. We understand that this theoretical work may awake a deepen desire concerning issues related to the learning and use of English language and within the contexts in which they occur, particularly in the Federal Institutes and in their courses where the language is taught. By doing this, we will be promoting and facilitating at the same time the tripod teaching, research and extension.

Keywords: Idioms. Research. Innovation.

Referências

- ANDRADE, Maria Margarida. **A criatividade no uso da língua**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Vol. 15, ano 34, n° 1, 2010. Disponível em:
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14652/8304>. Acesso em: 29 set.2014.
- BURKE, David. **Biz talk: American business slang and jargon**. Berkeley, California: Optima Books, 2008.
- _____. **Biz talk: More American business slang and jargon**. Berkeley, California: Optima Books, 2009.
- CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge U.P., 1997.
- DELLA SUMMERS, Long. **Dictionary of English idioms**. London: Longman Group, 2000.
- GRADDOL, David. **The future of English?** London: The British Council, 1997.
- GROSJEAN, Ferdinand. **Life with two languages**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.
- GRUPO VIRTUOUS. **Só língua inglesa – Democratizando a educação**, 2014. Disponível em:
<<http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/Expressoes1.php>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- JAMES, Marcia. **Are we teaching what employers want?** Business Education Forum. New York: Elsium, 2002.
- KRASHEN, Steve et all. **Language two**. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- LAMBERT, Willy. **Bilingual education of children**. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, Inc., 1972.
- LENNEBERG, Ed. **Biological foundation of languages**. New York: John Wiley & Sons, 1967.
- PENNYCOOK, Alastair. **The cultural politics of English as an international language**. New York: Longman, 2006.
- RICHARDS, James. **Error analysis**. London: Longman, 2004.
- SPEARS, Richard. **NTC's dictionary of American slang and colloquial expressions**. 4th ed. Lincolnwood, USA: NTC Publishing Group, 2006.
- STONES, Paul. **The importance of cultures and the process of learning English as a second/foreign language**. New York: Warner Books, 2010.
- SWAN, Michael. **Practical English usage**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- WIDDOWSON, Hugh. **Teaching language as communication**. Oxford: Oxford University Press, 1983.